

Reservas estão acima de US\$ 3 bilhões

O Brasil dispõe de mais de 3 bilhões de dólares de reservas cambiais prontas, afirmou ontem o presidente do Banco Central, Fernando Milliet de Oliveira, ao negar informação vazada do Palácio do Planalto de que a liquidez do País caiu para 1,8 bilhão de dólares. Em seu discurso de posse, Milliet de Oliveira prometeu "firmeza, independência e realismo" na renegociação da dívida externa, mas antecipou que o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, vai reduzir o pedido de dinheiro novo de 4 bilhões de dólares por ano, em média, até 1991, uma vez que o Governo passou a trabalhar com meta de crescimento econômico anual inferior aos 7 por cento anunciados pelo ex-ministro Dilson Funaro.

Segundo o presidente do Banco Central, dentro de 30 dias, o Brasil terá condições de apresentar propostas concretas aos credores externos para o reescalonamento da dívida vencida

desde 1º de janeiro de 1986, com ênfase para o programa de ajustamento interno e para o plano em fase de estudo no âmbito do Ministério da Fazenda, para a conversão de dívida em investimentos diretos. Ao deixar a presidência do Banco Central, após a rápida gestão de apenas 78 dias, Francisco Gros disse que a equipe de Funaro deixou "uma base sólida" para os novos negociadores da dívida, uma vez que já existe o consenso entre os credores de que os países devedores têm direito ao crescimento econômico e a novos instrumentos de financiamento externo.

Milliet de Oliveira disse que, este ano, o Brasil vai precisar de dinheiro novo para enfrentar o problema conjuntural em seu balanço de pagamentos, após dispensar a contratação de novos empréstimos em 1986. Mas, com a recuperação da balança comercial, após a mididesvalo-

rização cambial de 8,49 por cento da última quinta-feira, o Banco Central pode reduzir a estimativa de necessidade de 8,5 bilhões de dólares, para este ano, de dinheiro novo e/ou capitalização de juros junto aos bancos internacionais e organismos multilaterais.

Superado o desequilíbrio conjuntural das contas externas, o presidente do Banco Central disse que pretende limitar o crescimento futuro da dívida à capacidade de pagar do País: "Não é, portanto, do interesse do País que o estoque da dívida aumente em proporções maiores que o crescimento da economia e das exportações". Observou que, com volume correspondente a 40 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) e mais de quatro vezes as exportações anuais, a dívida externa deixa o País vulnerável às pressões sobre a sua independência e a soberania.